

A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM ANTES DE NASCER O MUNDO, DE MIA COUTO.

Elio Ferreira de Souza
Regilane Barbosa Maceno

1. Professor titular da UESPI; Coordenador do NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AFRO - NEPA/UESPI.
2. Mestra em Letras- UESPI, Professora Titular da Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação- SEMECTI-Codó-MA.

Resumo:

Na cultura do patriarcado, a mulher é colocada na posição de alteridade. Desse modo, é considerada parte da natureza e, como tal, deve ser possuída e domesticada. Ela margeia as relações e está sempre silenciada pela “lei do pai”. Esse silenciamento, que para as africanas é duplo, aparece no romance citado de forma rasurada, dado o comportamento das personagens, que pode ser visto numa perspectiva de subversão. Levando em consideração que esse silêncio imposto às personagens femininas ficcionalizadas em *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, constitui-se numa denúncia de que essa opressão e dominação rondam a vida das próprias moçambicanas, dentro do contexto de ex-colonizadas, e, pelo caráter universalizante da obra, a de qualquer outra mulher e em qualquer outro lugar, o estudo busca analisar a representação da mulher bem como as relações de poder na referida obra. Para tanto, o trabalho será estruturado com os aportes teóricos de Bonnici, Perrot, Spivak, Saffioti, Hall entre outros que se fizerem necessário.

Palavras-chave: Mia Couto. Estudos Culturais. Pós-colonialismo.

Apoio financeiro: Prefeitura Municipal de Codó-MA.

Introdução:

Por muito tempo a mulher foi deixada fora da história, silenciada pelo poder dominante no qual prevalecia a “a lei do pai”. Dessa forma, discutir as representações dos gêneros sexuais na literatura só foi possível a partir da segunda metade do século XX, quando a crítica literária passou a considerar os elementos extrínsecos às obras, dentre eles, o papel do leitor e o contexto social: eram os estudos culturais que desapontavam revelando histórias subterrâneas, rediscutindo, redescobrimo histórias relegadas ao esquecimento, caso das mulheres.

Para Hall (2006), o feminismo foi um

dos cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas, ocorrido na pós-modernidade. Dentro desse ‘caos-mundo’ pós-moderno, surgem vários questionamentos acerca da posição do sujeito e revisitas a conceitos estanques sobre gênero, sexualidade, raça, entre outros. Nesse lugar de quiasmas, em que a identidade é fragmentada, a mulher vem ganhando cada vez mais espaço e voz, provocando mudanças significativas em sua atuação na sociedade.

O feminismo desconstrói o conceito dicionarizado de gênero, livrando-o do binarismo instituído. Para Laurentis (1994, p. 206), “o conceito de gênero como diferença sexual tem servido de base de sustentação na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e campos cognitivos definidos pelas ciências física e sociais e pelas ciências humanas”. A autora entende que, assim como a própria sexualidade, o gênero não pode ser visto como uma propriedade do corpo, nem algo que existe inato ao ser humano, mas como representações socialmente produzidas nas relações sociais, por meio do desdobramento de uma “complexa tecnologia política”, produzida, mantida e dominada pelo discurso patriarcal.

Perrot (2005, p. 18) corrobora esse pensamento e acrescenta que a “dominação se faz por meio de definições e redefinições de estatutos ou de papéis que não concernem unicamente às mulheres, mas ao sistema de reprodução de toda a sociedade”. As convenções sociais determinam a masculinidade e a feminilidade dos sujeitos, e têm seu horizonte de expectativa alargado quando um indivíduo não se sente confortável ou se recusa a usufruir daquilo considerado típico para seu gênero.

Assim, pensar na transformação social envolve transgredir normas pré-estabelecidas de comportamento, de dominação e de poder, impostas pela sociedade aos gêneros. Devemos considerar que existem diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis ao longo do tempo como o é uma

sociedade e, que “a história não pode voltar atrás ou ser apagada com base na nostalgia.” (SPIVAK, 1994, p. 199).

De todo modo, o patriarcalismo ainda está embutido no subconsciente das sociedades. Embora as Constituições ocidentais afirmem que há igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade, o patriarcalismo ainda se manifesta de alguma forma. Suas raízes germinaram no ideário humano ao longo dos séculos e ainda hoje é preciso indicar as formas e as ocasiões em que aparece o efeito do patriarcado para fazer valer o ideal de igualdade entre as pessoas.

Podemos perceber, sob as atuais circunstâncias de estandardização, globalização e multiculturalismo pandêmicos que a condição da mulher tornou-se mais do que nunca uma questão urgente. A partir desse contexto, áreas como o estudo das mulheres e os estudos pós-coloniais surgem como uma maneira de inserção das histórias e dilemas da ‘minoría’ e das culturas marginalizadas que não aparecem na história oficial.

O feminismo ‘tradicional’ era voltado para as questões de relações de gêneros e emancipação feminina, mas assumia uma postura de exclusividade por ter como referência a mulher branca e burguesa. Por isso, acabou sendo bifurcado por não englobar as questões das mulheres subalternas (negras, pobres), passando a ser percebido, também, na perspectiva da pós-colonialidade que, por sua vez, exige que se aprenda a ler as representações literárias de e sobre as mulheres levando em conta tanto o sujeito quanto o meio de representação, pois, para Spivak (1994), “o sujeito emudecido da mulher subalterna” está destinada a ser mal compreendida ou mal representada por interesse pessoal dos que têm poder para representar.

Destarte, caracterizado pelo diálogo, pelo debate e pela diversidade, o feminismo na perspectiva da pós-colonialidade é dinâmico e dispõe de um vasto campo discursivo ao iluminar questões sobre raça, gênero e a situação econômica da mulher do Terceiro-espaço.

O modo como a identidade dessa mulher é construída no âmbito de contextos específicos e o funcionamento das relações de poder entre os diferentes grupos dão o fundamento para a discussão de conceitos do feminismo pós-colonial, como ‘representação’, ‘essencialismo’, ‘identidade’, dentre outros.

Em *O poder da identidade*, Castells (1996) apresenta um pensamento semelhante

ao de Cantarin, ao afirmar que admitir o fato do direito da mulher não significa que os problemas referentes à discriminação, opressão e abuso das mulheres tenham sido eliminados ou que sua intensidade tenha sido reduzida significativamente. É o caso das mulheres em África, que têm suas identidades e personalidades marcadas pelo peso da tradição e do preconceito: duplamente colonizadas, duplamente subalternas. Situação que é agravada pelo caráter patriarcal da sociedade africana inserida num grupo social por si só excluído.

De acordo com Cantarin (2012) apud Di Ciommo,

Tem-se a criação, por meio da cultura da imposição, da mulher ‘eunuco’, castrada pelo poder patriarcal que condicionou as mulheres a aceitar estereótipos acerca de si mesmas e encarar seu corpo, sexualidade, intelecto, emoções e a própria condição com os olhos masculinos. (CANTARIN, 2012, p. 81-82).

Na África e em várias outras culturas, o patriarcalismo divide os papéis sociais de modo que ao homem compete o de ser o provedor e administrador da família, à mulher cabe aceitar as imposições masculinas, seguindo o ideal de beleza e comportamento ditados pelos homens, deixando qualquer trabalho intelectual para eles.

Durante muito tempo esperou-se que as mulheres fossem ‘femininas’ e isso implicava que mantivessem uma postura simpática, sorridente. Um comportamento feminino exigia solicitude permanente, discrição, submissão, decoro e contenção ou mesmo apagamento, designadamente na esfera pública. (BAMISILE, 2012, p. 47).

Em Moçambique, assim como em muitos países de África, a opressão à mulher sobreviveu às tradições de regimes e sistemas políticos. Permanece, no pós-utopia de libertação, a mesma dinâmica dos acordos entre colonizado e colonizador que subjugam a mulher com vista a uma hierarquização: a mulher é dominada pelo homem africano antes de ser submetida ao domínio do branco europeu. Essa dupla colonização causou a objetificação da mulher africana.

Desse modo, o liame entre pós-colonialismo e o feminismo parece ficar mais evidente, na medida em que a dependência da mulher, dentro dos valores patriarcais, reproduz a lógica da dependência colonial.

Em contos como *O cesto*, *A saia almarrotada* e *Rosalinda*, a nenhuma, Mia Couto mostra mulheres que se mantêm presas

às amarras do discurso patriarcal, denunciando a violência incomensurável da opressão desse discurso nas mentes das mulheres que não conseguem a liberdade nem mesmo com a morte do patriarca. Denúncia/reflexão feita pela personagem Nãozinha, no livro *A varanda de frangipani* ao concluir que as mulheres na África estão sempre sob a sombra da lâmina, “impedidas de viver enquanto novas, acusadas de não morrer enquanto velhas.” (COUTO, 2007, p. 78), mostrando a situação da mulher africana.

Antes de nascer o mundo, foco desse estudo, transborda esses valores patriarcais. Silvestre Vitalício, o macho-alfa e criador, se julga “o ser perfeito, o ápice de 15 bilhões de anos, isolado e único e se arroga o senhor de todas as coisas, de tudo pondo e dispondo ao bel-prazer para a realização de seus desejos e projetos”. (CANTARIN, 2012, p. 78). Como nos trechos que segue:

A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas. Eu vivia num ermo habitado apenas por cinco homens. (COUTO, 2009, p. 11)

[...] – Sem mulheres, não resta semente... A rispidez de Silvestre confirmou a já velha, mas nunca enunciada interdição: as mulheres eram assunto interdito, mais proibido que reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto. (idem, p. 33).

Ao contrário do que ocorre nos referidos contos, as representações femininas do romance em análise rompem com essa dominação patriarcalista e invadem todos os espaços da narrativa, subvertendo as normas estabelecidas pelo patriarca Silvestre Vitalício.

A partir do destaque que é dado à maneira como a figura feminina se integra à natureza e guia os cinco homens para novas relações consigo mesmos e com os outros, o romance contribui para a desconstrução dos modelos binários, principalmente na relação dominador/dominado, questionando os papéis sociais de homens e mulheres.

Assim, Dordalma, Marta, Noci e Jezibela militam pela a igualdade de direito e oportunidade, pelo direito de viverem livres de discriminação, exploração, violência e subalternidade. Cada uma, a seu modo, essas representações denunciam a condição da mulher em Moçambique e em muitos países de África que vivem regidos pelo patriarcalismo.

Podemos perceber, na obra em estudo,

que a estrutura de dominação criada por Silvestre Vitalício acaba sendo enfraquecida pelas rupturas promovidas pelas figuras femininas. Com essa experiência, tanto em relação às mulheres como aos filhos, Silvestre Vitalício vê seus mecanismos de dominação ruírem, como podemos observar nos trechos abaixo:

Ntunzi sacudiu a cabeça, em mortífera negação. Nele se tocavam dois polos do impossível: não podia obedecer, não era capaz de transgredir... (COUTO, 2009, p. 144)

A lista das sabujices era longa: o filho mais velho o desrespeitava, o cunhado passara para a banda dos do Lado-de-Lá; alguém lhe tinha mexido na caixa do dinheiro, e mesmo Zacaria Kalash já começava caindo na desobediência. (COUTO, 2009, p. 180)

Cantarin (2012, p. 78/79) apud Boff assegura que o macho/ varão centrado em sua masculinidade excludente tende a reprimir o que estiver ligado ao feminino nele e na mulher, como a sensibilidade, a lógica do coração e da ternura, o “sexto sentido”. Comportamento assumido por Silvestre Vitalício no seguinte trecho: “Diligencioso, Vitalício se ocupa em nos criar, com cuidado e esmero. Mas evitando que cuidados resvelasse em ternura. Ele era homem. E nós estávamos na escola de ser homens. O únicos e últimos homens”. (COUTO, 2009, p. 21). Todo esse poder do varão, fala Castells (1996), necessita permear todas as esferas sociais, incluindo ideologia, cultura, política e a legislação, para que permaneça.

A partir das representações femininas ficcionalizadas na obra, uma característica marcante presente desde as primeiras páginas do romance é a tentativa de recolocar a mulher marginalizada no foco da narrativa, dando voz a essa que por muito tempo esteve silente, seja por uma hegemonia patriarcal, racial, social ou por questões de tradições tidas como naturais. Assim, Antes de nascer o mundo traz quatro figuras femininas que buscam romper com o sistema opressor e violento do patriarcalismo que permite ao homem massacrar, humilhar, cercear a liberdade, até mesmo apagar sua identidade resguardada no nome, como vemos no seguinte fragmento: “As mulheres são todas umas putas.” (COUTO, 2009, p. 33) “- Não chamo mulher pelo nome...” (idem, p. 149). São essas mulheres que vamos apresentar.

Dordalma e o cancelamento da existência

Dordalma, falecida esposa de Silvestre Vitalício, permeia toda a obra. Mesmo morta e ‘banida’ das lembranças e das vidas dos

personagens, constitui-se na razão dos conflitos de cada um dos cinco homens, como vemos no trecho:

De novo, era Dordalma, nossa ausente mãe, a causa de todas as estranhezas. Em lugar de se esfumar no antigamente, ela se imiscuía nas frestas do silêncio, nas reentrâncias da noite. E não havia como dar enterro àquela fantasma. A sua misteriosa morte, sem causa, nem aparência, não roubara do mundo dos vivos. (COUTO, 2009, p. 31).

Mesmo morta, essa mulher está presente na vida dos cinco homens. Como o próprio nome sugere, Dordalma carregava muita dor n'alma, ao mesmo tempo provocou também muita dor na alma dos cinco homens.

Essa personagem rasura o discurso patriarcal ao tentar fugir com o amante Zacaria Kalash, pai de seu filho mais velho, Ntunzi. Em muitas culturas, as mulheres são obrigadas a casarem-se cedo e de acordo com o interesse de suas famílias.

O espaço dessa mulher foi negado: "Em casa, Dordalma não era mais que cinza apagada e fria." (COUTO, 2009, p. 242). A personagem não era feliz, vegetava em casa, obrigada a viver um casamento imposto pela família.

É usando as armas da sedução e o brilho feminino que Dordalma se prepara para a fuga, como podemos ver no fragmento: "[...] Nessa manhã, Dordalma saiu de casa como nunca fez em sua vida: para ser olhada e invejada... Vestida para semear devaneios" (Couto, 2009, p. 242-243).

Dessa forma, a personagem reforça dois estereótipos opostos que representam a afigura feminina, tanto na vida como na própria literatura, ambos criados pelo olhar do homem: o anjo doméstico e o monstro. Conceitos apresentados por Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1990).

Segundo Hall (2006, p. 39), "a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser visto por outros". Levando em consideração os pensamentos de Hall e os estereótipos apresentados por Virginia Woolf, Dordalma parece transitar entre essas duas identidades 'preenchidas' pelos outros. Ora é vista como anjo doméstico, sob o olhar dos filhos e do meio irmão, ora é vista como monstro, pela complementação do marido. Entretanto, por subverter a "lei do pai", não assumindo sua

função "natural" de ponte necessária para que seus filhos pudessem passar do natural ao cultural, Dordalma gravita mais em torno da mulher monstro.

Culturalmente vista como culpada e causadora da desgraça, Dordalma sofre a desforra do sistema patriarcal em que está inserida, sendo vítima da violência descomedida de um estupro coletivo, com poucas e omissas testemunhas, descrito no trecho abaixo:

A verdade é que, de acordo com as esquivas testemunhas, Dordalma foi arremessada no solo, entre babas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bicho. E ela foi-se afundando na areia como se nada mais protegesse o seu frágil e trêmulo corpo. Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se vingassem de uma ofensa secular.

Doze homens depois, a tua mãe restou no solo, quase sem vida. (COUTO, 2009, p. 243).

Depois desse triste episódio, Dordalma, resgatada pelo marido na calada da noite, para que as pessoas não o vissem, não suportou o desprezo e a frieza deste e suicidou-se. Assim, vemos que nesse sistema patriarcal, também o homem se converte em vítima, uma vez que ele não pode condoer-se do sofrimento da mulher, foi-lhe incutido que a mulher era a culpada do que passou, pois os doze homens estavam apenas vingando "uma ofensa secular".

Com o suicídio a personagem repete o que muitas mulheres fazem nessas culturas massacrantes nas quais estão fadadas a submissão, ao cancelamento da própria existência. Através dessa última transgressão, Dordalma ganha a voz silenciada e deixa de ser "cinza apagada e fria", usando o suicídio como mecanismo de resistência, como muitos de seus antepassados outrora fizeram, para não aceitar os ditames da dominação.

Jezibela e o filhote de zebra.

A figura feminina representada por Jezibela também rompe com o sistema de dominação. "Tão humana que afogava os anseios sexuais" do patriarca Silvestre Vitalício, a jumenta Jezibela também abala as relações entre os cinco homens.

Assim como algumas figuras femininas transgressoras que a história registra, como Lilith, Pandora, Cleópatra, Jezibela apresenta uma evidente referência, dentre tantas na obra em análise, a uma personagem bíblica, também transgressora, citada no livro de Reis, Jezabel, descrita como uma rainha que não

olhava os meios para conseguir que seus desejos fossem realizados. Esposa do rei de Israel Acabe, ela mostrava domínio sob o marido, ao manipular suas decisões. A jumenta Jezibela também exercia total domínio sobre Silvestre Vitalício, o varão rendia-se àquela que era considerada sua 'namorada', como vemos no trecho:

Os namoros sucediam aos domingos. Deve ser dito que apenas meu pai tinha ideia a quantas andávamos na semana. Às vezes, era domingo dois dias consecutivos. Dependia do seu estado de carência. Porque no último dia da semana era certo e sabido: com um ramo de flores na mão e envergonhado, gravata vermelha, Silvestre marchava em passo solene para o curral. (COUTO, 2009, p. 100).

O sentimento e o cuidado exacerbado que Silvestre Vitalício devotava ao animal causava revolta aos filhos que, vez por outra, eram obrigados a cuidá-la também. Mantida com regalias, mas sob domínio, a representação feminina de Jezibela transgredia o sistema patriarcal: “[...] – Jezibela está grávida. A mim deu vontade de rir. A única fêmea que vivia entre nós tinha cumprido sua natureza” (COUTO, 2009, p. 104).

Nas literaturas africanas de expressão portuguesa, a representação da mulher, geralmente recompõe imagens que relacionam o feminino como funções delegadas pela tradição. Para Cevasco (2003, p. 27), essa persistente visão é impulsionada pela naturalização das práticas sociais, apresentadas, muitas vezes, como eternas, imutáveis e obrigatórias.

Podemos perceber, pelo fragmento acima, como assegura Fonseca (2004), que a mulher é simbolicamente definida a partir de expressões do próprio corpo, como a gestação. Cantarin (2012) corrobora com Fonseca e acrescenta que foi a realidade do corpo, o fato de a mulher gerar e procriar outro ser dentro do próprio organismo, que impôs determinadas funções e lugares na sociedade tradicional.

Ao dilatar os espaços de dominação, violando uma regra sagrada, “pois uma semente da humanidade acabara vencendo e ameaçava frutificar”, Jezibela também deixa de ser afônica.

O ciúme que a jumenta provocava acabou com sua vida (ela é culpada), mostrando que dentro de uma sociedade patriarcal, a subjugação da mulher é um pré-requisito para a existência da cultura. Contudo,

Jezibela dá a ‘palavra’ final e transforma as relações dos habitantes de Jerusalém.

Noci e a luta contra a violência

A personagem Noci metaforiza a luta engajada, propriamente dita, das mulheres moçambicanas na contemporaneidade, integrando, inclusive, uma associação de mulheres que lutavam contra a violência doméstica. Dura realidade na vida de muitas africanas.

“A associação, entretanto fechara. Ameaças diversas semearam o medo entre as associadas.” (COUTO, 2009, p. 260). Fica evidente, por esse trecho, o caráter repressor do patriarcalismo, que tudo faz para esmagar sob uma camada de silêncios as lutas de emancipação das mulheres.

Para além dessa rebeldia e transgressão, Noci também denuncia a corrupção e as falcatruas praticadas por Orlando Macara, “seu patrão diurno e amante noturno”, e manteve também um caso com Mwanito, sobrinho de Orlando. Para Castells (1996),

a transformação da conscientização da mulher e dos valores sociais ocorrida em menos de três décadas em quase todas as sociedades é impressionante e traz consequências fundamentais para toda a experiência humana, desde o poder político até a estrutura da personalidade. (CASTELLS, 1996, p. 171).

A personagem em foco, mostra muita consciência de sua condição enquanto mulher e cidadão, ou seja, ela assume-se como sujeito, mesmo numa sociedade em que está fadada à obediência, a ser objeto. Vemos que ela decide o que vai ser, embora a situação colabore para isso.

Para conseguir um emprego, ela se entregou nos braços de um comerciante, dono de negócios... que era seu patrão diurno e amante noturno. [...] Obteve o emprego demitindo-se de si mesma. No fundo, dentro dela se havia formado uma decisão. Ela se separaria em duas como um fruto que se esgarça: o seu corpo era a polpa; o caroço era a alma. Entregaria a polpa aos apetites deste e de outros patrões. A sua própria semente, porém, seria preservada. De noite, depois de ter sido comido, lambuzado e cuspidado, o corpo retornaria ao caroço e ela dormiria, enfim, inteira como um fruto (COUTO, 2009, p. 168)

A mostra de seu livre pensar é o fato de ela questionar as ações de Orlando: “o nosso Tio se vangloriava do dinheiro que conseguia com os negócios de emissão de licença para caça. “Mas isso não é ilícito?”, perguntava Noci.” (COUTO, 2009, p. 258).

Noci deixa de ser afônica definitivamente quando sua denúncia é atendida e Orlando Macara é transferido para longe. Mia Couto incumbe a personagem de denunciar a existência de ‘chefaturas’ que além da exploração do africano pelo próprio africano, garantia a defesa de interesses econômicos e políticos de dirigentes locais e dos organismos internacionais. Esse fato mostra uma militância por parte do próprio autor, que escolhe uma mulher, sempre silenciada, para fazer desmascarar um sistema corrupto e persistente.

Noci transita, assim, de mulher-objeto, quando se faz amante de Orlando para conseguir um emprego, para mulher-sujeito, quando é transformada em cidadã inconformada com os desmandos de quem se arroga no direito de dominar.

A portuguesa Marta e queda de Jesusalém

A última representação feminina dentro da obra é Marta, a portuguesa que “era branca, alta e vestia como homem, de calça, camisa e botas altas”. (COUTO, 2009, p. 123). Por essa descrição, já é denunciado o caráter subversivo de Marta. Ela não tinha o comportamento ‘feminino’ que sempre se esperou da mulher. Sua chegada intempestiva provocou grande transformação nos cinco homens que habitavam Jesusalém, como vemos no fragmento: “[...] surgida do nada, emergiu a mulher. Uma fenda se abriu a meus pés e um rio de fumo me neblinou. A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia.” (COUTO, 2009, p. 123).

Mwanito nunca tinha visto uma mulher em sua vida, uma vez que foi isolado em Jesusalém desde os três anos. Por isso ficou estarrecido e não conteve as lágrimas: “passei a mão pelo olhos a corrigir as lágrimas e depois, lentamente, ergui o rosto para avaliar a criatura. Mas sempre de soslaio, com medo de a visão me arrancar os olhos para sempre”. (idem, p. 124).

Em muitas culturas e religiões a mulher é vista como símbolo de problema e perturbadora da paz. É esse estereótipo, de bruxa e feiticeira, curiosa, como a figura de Lilith e Pandora, que fez com Mwanito temesse tanto a presença de Marta. Sua identidade foi construída, dentro da sociedade patriarcal em que estava inserido, na negação do feminino: “- As mulheres são como as

guerras: fazem os homens ficarem animais”. (COUTO, 2009, p. 151). Essa afirmações sobre a mulher, Mwanito ouviu durante toda vida.

A personagem Marta é aquela que busca manter uma relação amigável com os habitantes de Jesusalém, mas também provoca inquietações e conflitos ao impor sua presença indesejada.

A verdade é que a presença da portuguesa só por si, era uma insuportável intromissão. Uma única pessoa – ainda por cima uma mulher – desmoronava a inteira nação de Jesusalém. Em escassos momentos, tombava em estilhaços a laboriosa construção de Silvestre Vitalício. (COUTO, 2009, p. 128).

O patriarca estava vendo seu ‘império’ ruir, mas sua ira não consistia nesse fato, mas por ele ser provocado por uma mulher: “Aquilo era doloroso de testemunhar. Ela era uma mulher, uma mulher branca, e estava desafiando a autoridade do velho, expondo perante os filhos a sua fragilidade de pai e homem”. (idem, p. 151).

Assim como as outras personagens femininas da obra, Marta também traz transformações para aqueles isolados homens. Para Mwanito, era uma mãe enviada por Dordalma “para cuidar do que restava da infância”. Para Ntunzi, a portuguesa despertava os mais tórridos desejos sexuais: “a portuguesa pediu-me, a certa altura, que não olhasse: ela despiu a blusa e deixou tombar a saia...Do seu esconderijo, meu irmão se arregalou e se regalou. E vi seu rosto desaparecer em chamas. (idem, p. 148, grifo nosso)”.

Ntunzi, além de perceber Marta com desejos másculos, acaba matando Jezibela, seu tormento, simbolicamente, libertando-se da dominação do pai.

Zacaria Kalash, na presença da intrusa, também rompe com o domínio de Silvestre Vitalício, negando-se a obedecer a ordem de mata-la. Ele que era militar, que lutara em muitos conflitos, não teve coragem. “- Desconseguir”, foi a resposta que deu ao patriarca.

Cada homem de Jesusalém buscou nas figuras femininas da obra, que eram proibidas, mas que dominavam toda narrativa, o que lhe faltava, para se libertarem dos seus fantasmas, principalmente na personagem Marta.

Sentindo-se desmoralizado, o patriarca era “o retrato da tristeza viúva. Derrotado, solitário, descrente de tudo e de todos”. (idem, p. 210). Ao ser picado por uma víbora, Silvestre Vitalício e seus companheiros de infortúnios deixam Jesusalém:

Ainda acreditei que ele reagisse, em pronta negação. Mas não. Silvestre veio, com passo de menino e obediência de serviçal, instalou-se no lugar da frente e ali se ajeitou para partilhar o assento com a portuguesa. (COUTO, 2009, p. 217).

Quando espregitei para o banco da frente me surpreendi: meu pai seguia de mão dada com a portuguesa. Os dois se partilhavam, numa conversa de mudas nostalgias. (idem, p. 218).

Os dois fragmentos acima exprimem o desejo de uma possível empatia e solidariedade entre os diferentes, postura exigida na pós-colonialidade, embora a realidade palpável seja outra.

Marta é a personagem responsável por desmontar o mundo de mentiras, de ilusões, de desejos, de exílio em que os homens estavam submersos. É ela que apresenta a verdadeira história de Dordalma, devolvendo as identidades daqueles indivíduos de Jerusalém, mas ao mesmo tempo, encontra-se a si mesma, uma vez que ela própria também havia se exilado de si em busca do marido, pois nela também está sacramentado a ideia de que a mulher é incapaz de existir sozinha, precisa sempre de um marido para estar completa. Fato que se transforma numa certeza: que a condição da mulher (de todas elas), em sua essência, é a mesma.

A mulher Marta deixa de ser afônica no momento em que ela mesma conta sua história em dois capítulos da obra. Por meio de cartas, cujo lirismo e poeticidade enchem cada linha, sua voz revela as motivações de ir a Jerusalém.

Essa mulher não precisa de intérprete, ela mesma fala por si. Sua voz é reafirmada quando consegue 'resgatar' os cinco homens do isolamento em que se encontravam, operando uma grande transformação no comportamento de cada um, sobretudo, no patriarca como vemos no fragmento que segue: "Silvestre cruzara a sala e deixara sobre a mesa uma caixa com dinheiro. Era sua contribuição para a causa das mulheres." (COUTO, 2009, p. 260).

Metodologia:

A pesquisa foi constituída por uma revisão dos materiais bibliográficos que compõem o arcabouço teórico a fundamentá-la. Tal referencial trata a questão identitária sob o viés do Pós-Modernismo, do Pós-Colonialismo e dos Estudos Culturais.

A importância do estudo reside no fato de se ampliar o conhecimento sobre a

produção literária em língua portuguesa, sobre as relações identitárias na pós-colonialidade.

Este trabalho complementa as pesquisas sobre a obra miacoutiana, ampliando os estudos que não apenas contestam um mundo de cultura hegemônica a partir dos países desenvolvidos, mas também mostram que a boa literatura é produzida também nos países em desenvolvimento, como atesta a obra de Mia Couto.

Conclusões

O estudo aqui realizado, longe de querer ser minimamente exaustivo, mostrou que a literatura ajudou a forjar um novo paradigma cultural e social para as mulheres de modo geral, ao mesmo tempo, na perspectiva pós-colonial, também vem alcançando avanços significativos no tratamento de questões vivenciadas pelas mulheres oriundas das ex-colônias, principalmente as da África, em que o processo de descolonização é recente e recorrente.

Reconhecendo que há muitas posições de sujeito que a mulher deve e merece ocupar, pois não se é uma única coisa, como diz Spivak (1994), as mulheres estão saindo da posição de objeto e lutando contra a discriminação, a violência e o abuso que persistem nas diferentes culturas. Assim, percebemos a narrativa *Antes de nascer o mundo* como uma rica contribuição para a literatura pós-colonial e o desenvolvimento de teorias feministas.

Referências bibliográficas

- BAMASILE, Sunday Adetunzi. Questões de gênero e da escrita feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana. Lisboa-Portugal, 2012. (Tese)
- CANTARIN, Márcio Matiassi. Por uma arrumação do mundo: a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosófico. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 3 ed. Trad. Kluass Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COUTO, Mia. Antes de nascer o mundo. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.
- _____. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.
- _____. Cada homem é uma raça: contos. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.
- _____. A varanda de frangipani. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. Belo Horizonte: Scripta, v. 8, n. 15, 2004.
- _____. Mia Couto: espaços ficcionais. Belo

Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; Cury, Maria Zilda Ferreira (org.). África: dinâmicas culturais e literárias. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade; 8º ed. Rio de Janeiro; DP E A, 2003.

_____. Quando foi o pós-colonial. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. A questão multicultural. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAURENTIS, Teresa de, A tecnologia do gênero. In: Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. (Org.) Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAFFIOTI, Heleeieth. Gênero, Patriarcado, Violência. São Paulo: Contexto, 2012

SPIVAK, Gayatri. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Quem reivindica alteridade? In: Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura/ Org. de Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Zolin, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.